

Futuro de uma Cuba pós-Fidel

Publicado em Valor Econômico

Por Chico Mendez

19 de outubro de 2007

Chávez e Fidel, em Havana, no dia 13: socióloga avalia que com a morte de líder cubano, o Partido Comunista manterá o poder sem dar abertura para os direitos civis, mas começará a introduzir reformas econômicas

Dia sim, dia não, a morte de Fidel Castro é anunciada nas ruas de Miami. Afastado da presidência de Cuba desde julho de 2006, ele não se deixa levar pela empolgação dos dissidentes cubanos que fugiram para os Estados Unidos. Toda vez que um novo boato sobre sua morte surge, Fidel ressuscita e publica um artigo no jornal do regime, o "Granma". O fato é que aos 81 anos, debilitado por um problema no intestino, Fidel não exerce mais a influência de antes. As discussões sobre o futuro da ilha são como uma bolsa de apostas. Há quem acredite em uma revolta generalizada, há quem pense que o Partido Comunista Cubano (PCC) manterá o poder, há quem veja uma intervenção militar dos Estados Unidos, entre várias outras hipóteses. No calor do debate sobre a situação de Cuba, um grupo de especialistas se reuniu para tentar matar a curiosidade de milhares de pessoas: o que será de Cuba após a morte de Fidel Castro?

As previsões podem ser encontradas no livro "Looking Forward: Comparative Perspectives on Cuba's Transition" (University of Notre Dame Press), editado pela socióloga Marifeli Pérez-Stable, vice-presidente do Inter-American Dialogue, que convidou 11 especialistas em Cuba para escreverem sobre 11 temas marcantes para a transição, como, por exemplo, a relação entre EUA e Cuba, a relação entre civis e militares cubanos, o futuro da economia do país, políticas públicas, entre outros. Marifeli reservou para ela o mais importante capítulo do livro. Nele, a socióloga tenta responder quais serão as reações do Estado e da população assim que for anunciada a morte de Fidel. O prefácio do livro foi escrito pelo ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso.

Para ela, existem quatro situações possíveis no momento. A primeira hipótese é: o Partido Comunista mantém o poder sem dar abertura para os direitos civis, mas começa a introduzir reformas econômicas nos moldes do que a China fez nos anos 1970 e o Vietnã nos anos 1980. Na segunda, o regime inicia uma transição democrática pressionado pela sociedade. Há uma considerável abertura política no curto prazo e a transição se consolida no médio prazo. Na terceira alternativa, o fraco desempenho da economia provocaria uma revolta da população. Vários focos de protestos surgiriam e o regime iniciaria uma transição de poder. Na última hipótese, nada mudaria. As idéias de Fidel permaneceriam. Os protestos se intensificariam e uma intervenção militar dos EUA ou de uma força de paz ONU se tornaria uma possibilidade real.

Entre essas quatro hipóteses, a socióloga aposta as fichas na primeira. "Existe entre os cubanos uma grande expectativa de reforma econômica. A situação é tão grave que eles medem a liberdade pelo que podem consumir. O desafio do regime é manter os cubanos

unidos e, ao mesmo tempo, melhorar a vida deles. E isso só virá com reformas. O problema é saber quanto tempo eles levarão para implementar as reformas. Quanto mais demorarem, pior para o regime", disse Marifeli em entrevista ao Valor.

Segundo Jorge Pérez-López, autor do capítulo sobre a transição econômica na ilha, "Cuba pode melhorar o acesso ao mercado internacional se associando a um bloco comercial". Ao fazer isso, atrairia rapidamente investimentos estrangeiros.

E por qual razão Raúl Castro, presidente interino de Cuba, já não dá início às reformas? Para Marifeli, isso será impossível até o último suspiro do "Comandante". "Fidel Castro é um nacionalista que tem ojeriza ao mercado." Se fosse assim, diz Marifeli, Fidel já teria introduzido reformas amplas logo após o colapso da antiga União Soviética. Aliás, não fosse a generosa ajuda de Hugo Chávez e da China, que sustentam a ilha com petróleo e crédito fácil, a pressão sobre Raúl Castro e o PCC seria mais intensa.

Muito se especula sobre o comportamento da população depois de anunciada a morte de Fidel. A cena de cubanos tomando as ruas e prédios públicos e desafiando o PCC e o Exército está descartada no livro. Segundo Marifeli, o PCC ainda mantém o controle sobre a população e o novo governo está preparado para assumir sem a presença de Fidel, mas ela pondera que as elites cubanas (compostas pelos membros do partido e do Exército) terão um novo desafio pela frente. "Quando Fidel se for, as elites vão pisar em solo virgem. Pela primeira vez elas terão de governar o país sozinhas. Isso significa estabelecer novas regras para obter consenso e gerenciar os conflitos entre os membros das elites", escreve. "Haverá um enorme vácuo psicológico em Cuba. A maioria da população só viveu sob o comando de Fidel e isso certamente trará uma grande pressão sobre Raúl e os demais líderes do PCC", avalia Marifeli.

Cuba retornou às manchetes dos jornais dos Estados Unidos depois que o pré-candidato democrata Barack Obama disse que aliviará as restrições para viagens a Cuba se for eleito. Logo depois, Obama foi massacrado por republicanos e democratas - uma estratégia política para ganhar votos dos cubanos que moram na Flórida. Sua maior rival na corrida pela presidência, a senadora Hillary Clinton, afirmou ser favorável às sanções impostas pelo governo de George W. Bush, que proíbe os americanos de viajarem para Cuba e restringe as remessas de dinheiro para a ilha só para parentes. Hillary disse que é preciso esperar as primeiras reações do regime pós-Fidel para tomar alguma decisão. Durante esse debate, nenhum dos pré-candidatos aventou a possibilidade de uma intervenção militar. "Só se houver um massacre na ilha os Estados Unidos intervirão", afirma Marifeli.

A expectativa dos oficiais americanos é de que Cuba entre imediatamente num processo de transição democrática assim que Fidel morrer. É uma aposta arriscada, na visão de Marifeli. "Os Estados Unidos estão preparados para uma transição democrática, mas não estão preparados para lidar com a permanência do partido no poder, mesmo que o regime introduza as reformas econômicas", afirma.

Como todo Estado marcado pelo totalitarismo, Cuba sempre apelou fortemente para a ideologia. Quase 50 anos de intensa propaganda marxista-leninista deixarão uma marca que será difícil apagar no curto prazo em toda a ilha. Rafael Rojas, que escreve sobre ideologia e cultura em Cuba, alerta para o delicado processo de transição que envolve os valores cubanos. "A atitude dos principais atores da política cubana - os castristas, a oposição, a comunidade de exilados e o governo dos Estados Unidos - é baseada na lógica de confronto. Para cada um desses grupos, a vitória está diretamente relacionada ao aniquilamento do outro", escreve. Somente um pacto antiviolença entre os grupos poderá assegurar uma transição pacífica, analisa Rojas.

A obra contribui bastante para o debate sobre o futuro de Cuba. Os argumentos e as análises seguem uma linha que evita o "chute" nas previsões. Ainda assim, e contando com seu time de especialistas, Marifeli diz que a incerteza é a única certeza na transição em Cuba. a.